

## LÚCIA CASASANTA e a renovação pedagógica

(IN) MEMÓRIA \*

A história da construção da sociedade brasileira ao longo da primeira metade deste século, especificamente a história da produção da educação em Minas Gerais, perde a voz da vida de um de seus inúmeros agentes: a professora LÚCIA MONTEIRO CASASANTA. Mas a crônica das marchas e contramarchas do reaparelhamento da educação brasileira, nesse período, apesar dos claros explicativos que por aí entraram, e têm entrado, continua a mostrar espaços ainda escuros à luz da compreensão histórica. Por isso, o desaparecimento da professora exige que se ganhe, no silêncio de sua ausência, aquela força da voz da morte que faz o presente perder a pretensão da opacidade de tempo eterno. Assim Educação em Revista, acreditando na permeabilidade do presente às luzes do passado e do futuro, multiplica as suas palavras com as palavras daqueles que, na condição de mortos, continuam vivos não só pelo que fizeram mas pelo que ainda fazem. A eles é reservando, aqui, o espaço de (in)memória.

\* Seleção, organização e contextualização dos textos por Ana Maria Casasanta Peixoto, Cecília Puntel Motta de Moura e Edson Nascimento Campos. Ilustração por Maria do Carmo Freitas Veneroso, Profª da Escola de Belas Artes/UFMG.

Do que representou o concurso dos mestres europeus, trazidos ao Brasil, em 1929, pode e deve dar testemunho o petulante rapaz de 20 anos que, ávido de aprender, empenhado em melhorar o seu francês, ouvindo a língua que todos entendiam, e já estudioso dos assuntos ligados à educação, sentado sozinho na segunda fila (que as professoras, em tudo e por tudo lhe estranhavam a presença insólita), seguiu todo o curso de Theodor Simon, o dos testes Binet-Simon; a contribuição do professor Walter, que tratou de educação em geral mas também de Universidade do Trabalho (já nesse tempo); as surpreendentes exposições de Helena Antipoff, baseadas em pesquisas a que logo as suas alunas procederam; a esfuziante conferência de Mme. Artur Perrelet, que falou de arte, educação e dos fenômenos de cinestesia. De Eduardo Claparede a quem ouviu igualmente, traduziu o livro clássico, "Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental", cuja primeira edição apareceu em 1934, com prefácio da própria Helena Antipoff, assistente que fora do eminente mestre, no Instituto Jean-Jacques Rousseau.

Outro sinal daquele bom tempo: A Comissão de Professoras enviada aos Estados Unidos: dona Inácia Guimarães, Amélia Monteiro de Castro, Alda Lodi e Lúcia Casasanta. Não teria seguido a mais jovem de todas, não fosse a intervenção do seu professor de psicologia, que dissuadiu a família de a privar dessa oportunidade em razão de se achar enferma a sua mãe. E quanto aproveitou! Deve-se-lhe a introdução do "Método Global" no ensino da leitura. Ventos contrários a tal ponto vieram a desviar o curso natural do progresso, que hoje se voltou ao revelho método do "b a ba", muito mal disfarçado.

Importa registrar, ainda que de passagem, aquele dito de técnico norte-americano de melhor categoria entre os enviados pelo Ponto Quatro, programa a que se deve o início da destruição da reforma, de que resultou o retrocesso atual. Quem o recolheu foi Mário Casasanta, então à frente do Centro Regional de Estudos Pedagógicos: "Já disse aos meus companheiros que o Brasil não é Honduras". Vejam só, de contrapeso, ainda achincalhou os nossos irmãos da América Central.

Na Universidade de Colúmbia (Centro de tal categoria é que interessava ao Brasil, nesse tempo), Lúcia mostrou-se à altura da incisiva recomendação do secretário: "Não quero certificados nem diplomas. Tragam conhecimentos". Trabalhou deveras, sem perder um minuto, nem desperdiçar oportunidades. Assim, pôde acabar de crer no desígnio de Francisco Campos, mal compreendido por muitos: "De amanhã em diante, nada de letras e sílabas. As crianças vão aprender a ler, lendo".

Foi das mais notáveis professoras da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, de onde a reforma se irradiou. Criada pelo decreto-lei em 22.2.1929, embora Claparede, em pessoa, lhe revisse o regulamento e apesar dos incomparáveis serviços prestados, acabaram com esse centro de pesquisas e renovação, em 1946, por força do decreto 1666, que transformou a Escola Normal em Instituto de Educação. A justificativa meramente burocrática não logrou encobrir a inconsciente inveja masculina. Mas explica Lúcia: "O que lhe havia garantido o êxito era a autonomia administrativa de que gozava, com amplo apoio dos secretários de Educação, dr. Campos, e seus sucessores dr. Noraldino de Lima e Cristiano Machado. Com a incorporação ao Instituto de Educação, como se mantinham a diretora, o corpo docente, os programas de ensino e parte do equipamento, julgou-se que apenas o nome fora mudado. E era bem o contrário, observa a biógrafa.

Houve quem protestasse: por acaso o autor destas linhas. Interpelado sobre a razão de não responder à crítica

veemente, o secretário da época, prof. Iago Pimentel, homem de valor invulgar, intrépido polemista, muito mal assessorado, declarou ser o artigo "irrespondível".

Bem mais tarde, já na década de 70, sendo secretário da Educação Heráclito Mourão de Miranda, veio o Curso de Pedagogia onde Lúcia Casasanta se aposentou, após atuação docente, seu "Canto do Cisne", como disse Ângela Leite de Souza, esquecida do que fez depois e faz ainda agora. Sem ser a mesma coisa que a Escola de Aperfeiçoamento, esse curso superior de Educação foi, afinal, alguma coisa. Eu sei quanto custou, ao Conselho Federal de Educação, vencer surpreendente resistência pessoal ao seu reconhecimento.

Acostumado a publicar inutilidades, apaixonado confesso das coisas inúteis, aspiro a que essas mal traçadas sirvam pelo menos de instante convite à leitura do livro de Ângela Leite de Souza, "Lúcia Casasanta, uma janela para a vida".

## 4º MOTIVO DA ROSA

(Cecília Meireles)

*Não te aflijas com a pétala que voa:  
também é ser, deixar de ser assim.*

*Rosas verás, só de cinza franzida,  
mortas intactas pelo teu jardim.*

*Eu deixo aroma até nos meus espinhos,  
ao longe, o vento vai falando em mim.*

*E por perder-me é que me vão lembrando,  
por desfolhar-me é que não tenho fim.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Lúcia Casasanta e a renovação pedagógica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 07 mai, 1985.

MEIRELES, Cecília. 4º MOTIVO DA ROSA. In: *MAR ABSOLUTO*, Rio de Janeiro, Ed. José Aguilar, 1967. p. 308.